

TRINHA Livre

4
MARÇO
1972

À Biblioteca Pública de

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — A M A R E S

O grande fascínio...

Na Imprensa europeia, assinala-se, sob títulos um tanto irónicos, o caso da Senhora Doroty Fisher, sul-africana de 40 anos, que sobrevive com um coração transplantado e, por isso, sujeita aos mortais efeitos da rejeição. Tem uma vida «de empréstimo», carregada de condicionamentos, sob atmosfera de incessante ameaça. Pois, mesmo assim, a Senhora Fisher rebebeu de um desconhecido — homem da ilha de Guernsey, parece uma proposta de casamento.

E reagiu com estas palavras.

«Nada conheço acerca do homem que me propôs casamento. Não sei se é branco, mulato ou preto, velho ou novo, baixo ou alto. Mas tais coisas também não importam muito num casamento. Se a conta bancária for boa casarei com ele sem olhar para trás!»

É isto o que a agência «Reuter» anuncia ao Mundo, sem comentários. Claro que, entre nós, os comentários não serão muito lisonjeiros. Aqueles pormenores de que o conhecimento pessoal «não interessa num casamento» e que só importa a «boa conta bancária» oferece tema para considerandos, quase todos muito reservados ou sarcásticos.

Não obstante, há quem proceda como a Senhora Fisher, vivendo como ela, sob constantes riscos e devendo a existência aos cuidados que lhe dispensem. Tal qual sucede com a desenvolta sul-africana, nem se apercebe de tudo o que se faz em sua defesa, esquecem-se do alheio coração que lhes renova o sangue — tudo perdem de vista! E também supõem que a tudo se sobre põe, na escala dos valores, «uma boa conta bancária» — seja ela de quem for!

Mesmo na mais objectiva ordem prática, a atitude da Senhora Fisher e dos seus emulos apresenta, salvo erro, aspectos de um estouvamento flagrante. Porque afinal, nem sequer se descortinam razões para admitir que a Senhora Fisher disponha de

tempo para tirar algum efémero proveito de tal pecúnia... Isto, admitindo que o desconhecido estrangeiro se preste a deixar que ela disponha dos cabedais... Bem, pode suceder o contrário:

(Continua na 4.ª página)

Em caso de incêndio...

A maior parte das vítimas de incêndios em residências morrem nos andares superiores, não queimadas directamente pelo fogo, mas sim pelo ar sobreaquecido e pelos gases tóxicos.

O conhecimento de algumas regras, que abaixo divulgamos, poderá salvar muitas vidas.

— Ao despertar, se sentir cheiro a fumo ou suspeitar de incêndio, não saia do quarto. Coloque a mão na parte superior da porta; se esta estiver quente significa que o vestíbulo está invadido pelo calor asfixiante. Neste caso, não abra a porta.

— Se a porta estiver fria abra-a apenas uns centímetros e coloque a mão na fresta, acima da cabeça. Se sentir um bafo de ar quente, feche a porta novamente.

— Ao ocorrer uma das hipóteses citadas, dirija-se à janela e procure sair da casa através de um terraço, descendo sobre o telhado, pela varanda ou improvisando uma corda de lençóis.

Na impossibilidade de pôr em prática qualquer destas medidas, coloque-se na janela e grite por socorro. Geralmente, haverá tempo para o salvamento, se a porta do quarto continuar fechada.

— Se sair do edifício em chamas, não torne a entrar. Muitas pessoas morreram ao voltar a casa, tentando salvar objectos de valor ou animais de estimação.

— Tenha sempre em mente que o maior inimigo não é a labareda invisível, mas sim o invisível calor ascendente.

5.ª COLUNA

São do genial escritor Fialho d' Almeida estas palavras de sincero optimismo e que pretendo aplicar à maneira como escrevo e sempre escrevi, sem pretender ferir ninguém, nem agastar quem quer que seja. Elas aí ficam:

«A maledicência foi dada ao homem, não só como estímulo, mas também como distração; porque é comentando os ridículos dos outros que o homem aprende a corrigir os seus e é deformado a monotonia da vida pela troca, que consegue fugir à tristeza da realidade agreste que o rodeia».

E, porque assim é, muito à pureza deu-me hoje para biografar, no meu pouquinho espaço, os «Peles Vermelhas» (uma reserva americana para turista ver — como se de um parque de animais selvagens se tratasse) repartidos pelo curso do Yukon e do Mackenzie até os rios do Golfo do México. Homens fortes, altos, robustos, pele bronzeada, cabelos pretos e lisos com olhos escuros e nariz saliente, vestem-se de

(Continua na 4.ª página)

Vinhos: Problemas de Exportação

A exportação dos vinhos nacionais, tem sido objecto de importantes reuniões de trabalho efectuadas no Fundo de Fomento de Exportação, que procura rever e reestruturar a política global do sector. Assim, sobre a presidência do Dr. Amaro de Matos, Presidente do organismo, representantes das principais firmas exportadoras de vinhos reuniram-se com técnicos do Fundo, e ainda com os Presidentes e técnicos do Instituto do Vinho do Porto, Junta Nacional do Vinho, Comissão dos Vinhos Verdes e do Dão, e dos Grémios da especialidade.

Também foi estudada, com representantes da firma norte-americana Arthur D. Little, a estratégia de Marketing e de promoção para os vinhos portugueses nos E. U. A., de acordo com relatórios elaborados por aquela importante empresa.

AS MOTORIZADAS

«Enfiar barretes» é termo peculiarmente provinciano e adoptado pelos senhores do Sul, de Lisboa especialmente. Nós, os portugueses natos, mais natos, portanto, herdamos o termo do espanhol «caperuza», (de capa) e por isso chamamos-lhe muito mais veridicamente «carapuça». Portanto, se os lisboetas nos querem «enfiar o barrete» (termo que poderiam ter ido buscar ao provincial «barete» (espanhol também) ou mesmo ao catalão «barret», nós só temos pesar em enfiar a carapuça que, afinal, nos querem impingir. Mas ao colocar-mos a tal carapuça só somos culpados de o fazer, face à TV e aos seus programas desastrosos e desastrosos que nos aparecem — de supor, num misto de má vontade e ironia.

E como prova da sintomatologia de certos programas podemos alicerçarmo-nos num, bem intencionado (?), que toda a gente com menos impregnação de acuidade, poderá achar razoável. É o «Sangue na estrada». Que se vê? Que se verifica? Que se deduz? O sr. Filipe Nogueira falar permanentemente nas motorizadas. As motorizadas são as culpadas de tudo. Essas é que distribuem o «sangue na estrada». Os automobilistas, coitados, são uns infelizes. São daqueles, cuja culpa, numa Companhia de Seguros, é sempre do outro e nunca sua. O terceiro é sempre o culpado! Se é o caso de uma motorizada que ficara encadeada pelos faróis excessivos do mastodonte que rodava na estrada, então o caso é muito mais sério. Só se não pune, mesmo criminalmente, o desgraçado da motorizada que morreu — por ter morrido!

Bolas! Bolas! Repetimos duas vezes para não dizer coisa mais definida mas menos decente.

Ainda no tal programa, há dias, o sr. Filipe Nogueira dizia terem-se dado dois desastres por más ultrapassagens. Era verdade. Sòmente fez um pequeno apontamento sobre o caso. E morreram apenas dez peseos pela incuria dos condutores dos veículos de quatro rodas. Mas talvez «ipso facto» atra-

-nos logo à cachimónia com as motorizadas e até mostrou um filme americano sob o aspecto da condução de veículos de duas rodas que, confessamos, nada nos disse. Vimos unicamente os polícias de trânsito a receberem instruções para inspectores de viação e isso, naturalmente ter de ser feito em veículos de duas rodas e vimos, também; — talvez um desses polícias — a conduzir uma motorizada em bons termos, para ensinar estrangeiro...

Daí verificar-se que o desejo do sr. Filipe Nogueira é acabar com as motorizadas e, se não, conseguir um decreto que obrigue os condutores de veículos de duas rodas a andarem pelo ar em

(Continua na 4.ª página)

Relação dos membros da comissão Nacional das Comemorações do cinquentenário da primeira viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro

PRESIDENTE: C/ Almirante Manuel Maria Sarmiento Rodrigues.

VOGAIS: Representantes do Ministério da Marinha: Comodoro António Júlio Malheiro do Vale.

Representantes da Secretaria de Estado da Aeronáutica: General Ivo Ferreira e Coronel José Luís Vaz Nunes.

Representante do Ministério do Ultramar: Comandante Avelino Teixeira da Mota.

Representante do Ministério das Comunicações: Engenheiro Victor Veres. Representante do Ministério da Educação Nacional: Professor Doutor Luís Mendonça de Albuquerque.

Representante da Sociedade de Geografia de Lisboa: Professor Doutor Adriano José Alves Moreira.

Representante da Secretaria de Estado de Informação e Turismo: Doutor António Caetano da Luz Carvalho.

Representante dos Transportes Aéreos Portugueses: Engenheiro Alfredo de Queiróz Vaz Pinto.

300 nem um a mais

A Lenda da Bilha Quebrada

Ao encontro Nixon-Pompidou, em Dezembro, na Ilha Terceira, cada um dos dois Presidentes se fez acompanhar de verdadeira multidão de jornalistas — no total mais de 600. E se entre os que vieram com o Presidente francês havia alemães, ingleses, belgas, polacos, suecos, russos, entre os que trouxe Nixon havia japoneses, sul-coreanos, sul-vietnamitas, tailandeses, indonésios...

Chegaram a rezeir as autoridades portuguesas que na Ilha Terceira não fosse possível descobrir camas onde toda esta gente dormisse e boa comida para todos: não o esqueçamos — tratava-se de uma pequena ilha e situada longe das rotas do grande turismo internacional. Mas ao fim e ao cabo ninguém deixou de dormir entre lençóis e ninguém ficou algum dia sem almoçar ou sem jantar.. Pode mesmo pensar-se que foi como se tivéssemos assistido à repetição do milagre da multiplicação dos pães...

E também quantos foram à Ilha Terceira voltaram de lá positivamente encantados — encantados com a paisagem açoreana, encantados com a amenidade do clima, encantados com a gentileza natural da população, encantados com as especialidades gastronómicas do arquipélago e até encantados com a maneira quase perfeita como, afinal, funcionaram — contra toda a expectativa — as comunicações telefónicas e por telex. Pois se até houve um jornalista nipónico que se deu ao supremo luxo de ditar, de Angra do Heroísmo, pelo telefone, as suas crónicas à redacção do seu jornal, em Tóquio!

Agora Nixon na China. E o Governo de Pequim fez saber à Casa Branca, alegando dificuldades de alojamento e dificuldades com as comunicações, que tinha de haver um número-limite para os jornalistas que viessem com o Presidente dos Estados Unidos: 300 (nem mais um) e todos norte-americanos; nada de estrangeiros. E aqui temos o primeiro motivo pitoresco de confronto entre o que se passou na Ilha Terceira e o que se passou — se agora na China: aquilo que foi possível em Angra

do Heroísmo não é possível na cidade imensa que é Pequim — as dificuldades a que um pequeno país soube poupar os seus hóspedes, não pode evitá-las uma grande potência. E é esta uma lição que do confronto temos de tirar — e é esta uma razão para nos sentirmos satisfeitos com o que na Ilha Terceira conseguimos... quase sem darmos por isso.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião — ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco — ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião — ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco — ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro e Províncias Ultramarinas	
Avião — ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco — ano	80\$00
Semestre	40\$00

—Ai, bilha nova vidrada,
Sempre fresca e cheia d'água,
Noutra semana mercada...
Quem me vale nesta mágica?

Foi castigo de pecados,
Que esta fonte escutou:
Falinhas de namorados
... Enchi-a d'água e quebrou!

Sorte a minha deste dia,
Parece obra do demónio!..
Valha-me a Virgem Marial
Valei-me vós, lindo António.

Vai o bom do nosso Santo,
Pega nos cacos partidos,
E por milagre, ou encanto,
Atendeu os seus gemidos!

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

e

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131 — Telefone 24357 — Braga

CALAFRIO

(Continuado do número anterior)

companheira acerca do rebaixamento daquela que me precedera. Havia apenas uma maneira de tratar isto, e foi o que eu fiz; tanto mais agora ter uma plena ideia — com estas evidências — do esperto e bem parecido criado particular do nosso patrão: era um imprudente, um atrevido, um corrupto, um preverso.

«Esse homem era um malvado».

Mrs. Grose considerava isto um caso um pouco difícil de classificar.

«Nunca vi ninguém como ele. Fazia o que queria.

— Com ela?

— Com eles todos».

Era como se agora Miss Jessel tivesse aparecido de novo perante os olhos da minha amiga. Pareceu-me, fôsse como fôsse, estar a ver, por um instante, a imagem dela tão nitidamente como a vira ao pé do lago; e prossegui com firmeza:

«Com certeza era isso também que ela desejava!»

O rosto de Mrs. Grose mostrava bem que assim fôra realmente, mas, ao mesmo tempo, observou:

«Pobre mulher — pagou por ele!»

— Então sabe de que ela morreu? — inquiri.

Não — não sei nada. Não quis saber; sinto-me contente por o não saber; e agradecia a Deus que ela estivesse bem fora disto!

— A senhora tinha, porém, as suas ideias acerca de...

— Acerca da razão que a levou a deixar-nos? Oh, sim — quanto a isso. Ela não podia permanecer por mais tempo nesta casa. Imagine isto aqui — para uma preceptora! E depois eu imaginei — e ainda imagino... E o que eu imagino é horrível.

— Não tão horrível como o que eu imagino, — retorqui; dito o que, lhe devo ter mostrado uma expressão de quem se sente miseravelmente vencida — expressão de que, aliás, eu tinha perfeita consciência. Isto fez com que a compaixão dela por mim se ressentisse, e ante o renovado toque da sua bondade senti quebrar-se-me as forças. Rompi em soluços, como lhe acontecera a ela da outra vez; abraçou-me maternalmente e as minhas queixas irromperam.

«Não posso!» soluzei desesperada; «não os posso salvar nem proteger! É muito pior do que eu imaginava. Estão perdidos!»

CAPÍTULO VIII

O que eu expuzera a Mrs. Grose era bem verdade; havia naquilo que eu lhe dissera abismos e possibilidades que me sentia sem forças para sondar; de tal maneira que quando voltámos a encontrá-los uma vez mais para nos consultarmos sobre o caso nos vimos em perfeito acôrdo acerca do dever que tínhamos de resistir a concepções extravagantes. Caso não fôssemos capazes de fazer mais nada, ao menos não deveríamos perder o ânimo — coisa difícil, na verdade, perante aquilo que na nossa maravilhosa experiência era menos para ser discutido. Nessa noite, enquanto a casa dormia, tivemos outra conversa no meu quarto, e durante ela Mrs. Grose levou todo o tempo a querer certificar-se de que não havia dúvida alguma quando ao facto de eu ter visto exactamente aquilo que dizia ter visto. Para a pôr a par da verdade, achei que seria justo perguntar-lhe como, no caso de eu ter inventado aquilo, teria eu sido capaz de descrever cada uma das figuras que me tinham aparecido, sem me escapar o mais pequeno pormenor, nem as suas características pessoais — um retrato tal que logo que lho descrevi ela imediatamente o reconheceu e indicara quem representava. O que ela pretendia, é claro — e não merecia censura! — era obscurecer aquele caso; e eu estava pronta a afirmar-lhe que o meu interesse pessoal em tudo aquilo ganhara agora, repentinamente, a forma de um inquérito acerca da maneira de me ver livre disso. Concordámos na possibilidade, de com a repetição — pois era certa a repetição — eu me habituar àquela ameaça, afirmando-lhe sinceramente que a minha situação pessoal se tornara, de súbito, a mais insignificante de todas as minhas aflições. A minha nova suspeita é que era intolerável; e, no entanto, mesmo no tocante a esta complicação tinha sentido um certo alívio nas últimas horas do dia.

As deixá-la, após o meu primeiro ataque, voltei, para junto dos meus pupilos, procurando no encanto que deles emanava o melhor remédio para os meus males, encanto esse que eu concluíra ser qualquer coisa que francamente poderia cultivar e que jamais até então me abandonara. Por outras palavras, eu tinha simplesmente mergulhado outra vez na especial intimidade de Flora e aí estava certa — era, pelo menos, um luxo! — de que ela podia pôr a sua pequenina mão consciente sobre o ponto onde me doía. Olhara para mim, numa suave investigação, e depois notara que se me via na cara vestígios de ter «chorado». Supunha ter apagado os feios vestígios das lágrimas: mas

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

O automóvel é um veículo que se fosse usado com moderação de velocidade, oferecia a felicidade a toda a gente. A felicidade está para todos na terra como está no céu, para onde se irá, com mais sacrifício pois ninguém tem pressa de vê-lo que não verá embora possa ser visto. E para se poder alcançar esses limites não se pode ter automóvel enquanto vivo na terra. O automóvel também é o veículo do pecado pelos abusos que com ele e dentro dele se podem praticar.

Experimento neste momento a sensação da posse de um carro que pode concorrer para me abreviar o funeral. Embora se conduza com a noção da responsabilidade pela vida dos outros não sabemos em que estado estarão os conductores dos outros carros que cruzam a estrada e alguns, aproveitam o automóvel como arma mortífera esbarrando-se contra quem não tem culpa das suas infelidades. Na última viagem a Lisboa, de onde escrevo estas notícias, vi que é séria a situação do condutor e das pessoas que conduzir se não for só.

Essa viagem terá dentro de 10 anos para toda a gente outras garantias de estabilidade e de certeza de se chegar incólume ao seu destino, se por a capital outras apanhadas pela rede de auto-estradas que vão ser construídas.

Pagar-se-há uma portagem que diminuirá o entusiasmo de ir a Lisboa vastas vezes, mas as que se fizerem tem a garantia do seguro oferecido pela largura e pavimento. Não haverá choques mas pode haver esbarramentos contra as paredes de defesa dessas estradas quando com o excesso de velocidade o carro perder o domínio como já se tem dado nos poucos quilómetros existentes.

Louvar a Deus

E aos homens que tem amor à terra de Amares batizada desde 1509. O Grémio da Lavoura convocou o Conselho G-ral para se pronunciar sobre a venda de terrenos seus à Câmara Municipal destinados ao palácio da Justiça, escrevo palácio com p pequeno porque isso passou ao comum; é um substantivo que perdeu a substância.

Defendi desde sempre a grandeza e progresso de um concelho.

A Sua grandesa monu-

mental e histórica é indiscutível mas o centro irradiador do entusiasmo só agora foi reconhecido com a urbanização do lugar dos guíames que o edifício do Grémio da Lavoura iniciou com dignidade. Teremos o palácio da Justiça, a casa dos Magistrados e todas as repartições públicas num só edifício que poderá ser o mesmo palácio. Uma Igreja e um parque infantil também podem embelezar e enriquecer o local. Ficaremos, e isso é o principal, em Paz toda a vida entre duas localidades que se juntaram para se engrandecerem. Se tudo isto acontecer e está muito bem principiado, a Senhora da Paz lá do alto, terá de longe, de muito longe, a gratidão eterna dos amarenses espalhados pelo Mundo a trabalhar para engrandecer e não para concorrer para discórdias que o tolheram.

Pax Vobis

Política Estrangeira

O povo Inglês e Italiano estão a resar a esta hora por Salazar por ter acabado com os abusos da liberdade política. Um deputado Inglês reponta com o Governo e pede que ponha termo às exigências de classes que desconhecem a situação financeira dos industriais para quem trabalham socegados por receberem sempre os seus salários dentro das possibilidades e das flutuações imprevistas.

A mixórdia política Italiana deve ter causado ao país enormes prejuízos a juntar ao triste reflexo da indisciplina de uma Nação velha, civilizada e doutrina-dora; mas vejo e lamento que a ideia do plebiscito não seja substituído por um golpe militar que acabe com a fanfarra, juntando apenas italianos dignos desse nome que administrem esse país de gloriosas tradições religiosas e políticas enquanto os Reis souberam impor a Sua Soberania. Vê-se que os partidos não cristãos e católicos estão dispostos a destruir os alicerces da capital do Mundo católico e nós vemos que sem a existência desse Mundo tudo se desfaz com os caprichos da podridão humana, afogada no «deus» milhão a que chamam ao dinheiro que adoram.

Elísio Gonçalves

Visado pela Censura

Aniversários

Fazem anos:

Segunda-feira, dia 6, festeja o seu aniversário a sra. D. Maria de Lurdes Araújo Leite, esposa do nosso assinante sr. José Gonçalves Leite.

No dia 7 o nosso camarada de trabalho sr. António Gomes da Silva a quem também desejamos que passe um dia feliz junto de sua esposa e filhinhos.

No dia 9 o sr. Torcato dos Anjos Vieira e o sr. Padre Avelino dos Santos Antunes.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes, um dia feliz e que esta data se repita por infindáveis anos.

Salvé 9-3-72

Festeja na próxima quinta-feira dia 9, o seu aniversário natalício, o nosso Chefe de Trabalho sr. António José Macedo Gonçalves, mais conhecido por «Catolino».

Por tão alegre data, seus colegas de trabalho, desejam que o «Serantone» passe um dia feliz junto de sua querida família, que também se junta aos desejos de seus colegas, desejando-lhe inúmeros anos de vida.

Parabéns

Aniversário

No próximo dia 5, amanhã, passa o aniversário natalício do nosso estimado assinante sr. Adriano dos Santos Maia, furriel miliciano em comissão de serviço na Província da Guiné.

Seus pais srs. Duarte Fernandes Maia, e D. Maria Celeste dos Santos, de Goães, desejam-lhe que passe um dia muito feliz e um breve regresso para junto de si.

Tribuna Livre cumprimenta este seu assinante e deseja-lhe muitas felicidades.

Telefone dos Bombeiros

de Amares -- 6 2 1 6 2

De Bragança

Domingos da Silva

Na próxima terça-feira, dia 7, passa o aniversário natalício do Sr. Domingos da Silva, proprietário da «Livreria Silva» em Bragança.

O aniversariante que goza de reputação ímpar naquela cidade, pela sua honestidade e pela categoria social a que se eleveu pelo seu trabalho, é irmão do Sr. João Xavier da Silva, proprietário da «Petisqueira» na Feira Nova que, assim como todos os familiares cá residentes lhe desejam um aniversário muito feliz junto dos seus e que esta data se repita por muitos e muitos anos.

João Vieira Pinto

Aniversário

Amanhã, domingo, passa mais um aniversário natalício o nosso colega impressor sr. João Vieira Pinto. Como é o último aniversário que passa connosco antes da vida militar, seus colegas querem, juntamente com seus irmãos e pais, desejar ao Pinto, muitas felicidades e que a vida sempre lhe sorria.

Parabéns

A N E D O T A S

CRIANÇAS

— Mamã, olha que lindos carneiros!...
— Não são carneiros, filha, são porcos.
— Porcos!?... Mas que fizeram eles para lhe chamarem assim?...



® Antracol o primeiro em todos os campos

Primeiro em eficácia, em economia e na preferência do lavrador. O Antracol bem aplicado mantém-se activo durante um período que nenhum fungicida orgânico supera, formando uma barreira defensiva que o mildio não consegue atravessar. Os lavradores preferem-no,

da primeira à última cura, pois, além da sua poderosa acção fungicida, e da sua persistência inultrapassada não ocasiona efeitos fitotóxicos e é provadamente, um dos fungicidas mais económicos do mercado. Antracol não tem superior. Antracol é um produto Bayer.



® Antracol

CAMPEÃO NAS CURAS, CAMPEÃO NAS VENDAS

O «Festim» dos «Trinta e Seis»

Há questão de seis ou sete meses, a Imprensa especializada francesa revelou que «determinadas organizações turísticas» se empenham em «descobrir» novos fulcos de «atração exótica», encarando a possibilidade de explorar os aspectos primitivos que subsistem na Abissínia», segundo os próprios termos dos agentes dessas organizações. Quem tenha lido as obras do grande repórter internacional Henri de Monfreid — considerado o jornalista mais qualificado em assuntos da chamada «Costa dos Somalis» — está habilitado a entender quais são os tais «aspectos primitivos»: Desde o tráfico de drogas, sobretudo haxixe, até ao escravismo sistemático, passando por certos rituais sangrentos e pelo «fornecimento» (quase ostensivo) de adolescentes aos «mercados de carne humana» dispersos pelo Golfo Pérsico.

Assim, não se torna ousado supor que a propaganda habilidosa de «impacto», como auspicioso começo da «Campanha promocional». Também não parece audacioso situar neste âmbito — independentemente dos outros factores — a reunião dos conspícuos membros do Conselho de Segurança na capital do Négus, onde talvez vegeiem ainda os espectros de Menelik e de Zaudita, cuja fortuna, oriunda do contrabando de drogas e do comércio de escravos, os supostos netos da Rainha do Sabá têm sabido aproveitar e aumentar...

Seja como for — e embora a ONU esteja em confessada falência financeira — o turismo etíope conseguiu adeptos no «Palácio de Vidro», com vista a um tentador negócio de quinhentos mil dólares! Dinheiro a desembolsar, é evidente, pelos países que suportam os olímpicos e estéreis caprichos impostos a uma organização falida. «Ridícula extravagância» — assim chama o insuspeito «New York Times» à insólita resolução. E comenta: «Numa altura em que as Nações Unidas se dirigem para a bancarrota, afigura-se incrível a decisão do Conselho de Segurança em efectuar uma vultuosa «sessão especial» em África. (...) Tomar esta decisão, sem mesmo ter havido votação oficial, na véspera de uma tentativa do novo Secretário Geral para melhorar as finanças da organização, recordou-nos a pergunta feita por Dean Acheson: «Quem está louco, agora?»

Esta interrogação, para nós, é tardia. Sabemos, desde há muito, quem está louco. Como sabemos que o Conselho de Segurança, ao submeter-se ao capricho mais ou menos turístico dos «trinta e seis» e seus apaniguados,

gasta uma fortuna em pura perda! Antecipadamente se tem a certeza de que da «digressão» apenas se colherão uns ramalhetes de flores de retórica... — em mau plástico!

«Os resultados serão nulos!» — afirma o «New York Times», que decerto conhece os meandros do caso...

É bem natural que o turismo etíope — desejoso de mostrar os falados «aspectos primitivos» — não diga o mesmo. Para ele, trata-se de um negócio de meio milhão de dólares!... E é o que mais lhe importa.

O restante não pode causar-nos a mínima surpresa. Nem trazer-nos qualquer perturbação. Temos muito

que fazer! Deixamos a retórica aos que só agora a descobriram e com puéril alvoroço a cultivam, a sua moda: Autêntico orfeão regido com batuta vermelha e não sabendo passar de meia dúzia de velhas cantilenas demagógicas.

Assistimos com desprendida curiosidade. Sabendo de antemão que haveria astidências, desafinações, para gáudio de caricaturistas e lucro dos negociantes de Addis-Abeba.

Ninguém pode esperar mais. A começar pelos que hão-de pagar as facturas do regabofe...

Nós, acertadamente, não pagaremos!

M. A.

AS MOTORIZADAS

«Continuado da 1.ª página»

vez de nas estradas, a fim de não incomodar os srs. automobilistas

E passa-se na TV a aturar estes contundentes programas, parece escolhidos a dedo para molestar a paciência dos espectadores e a ambiência das nossas habitações, onde a TV entra para nos enervar e não nos deixar dormir uma noite inteira. Basta, para isso, ver filmes às 22 horas. É um nunca acabar de tragédias, em que o espectador se afunda, antes de se afundar em sono profundo, que qualquer filme «cor de rosa» (como eles lhe chamam) poderia produzir no seu organismo. O que os filmes da TV contêm é a contrariedade permanente dos que os vêem!

Ora o «Sangue na estrada» vem a horas convenientes, em que o descanso ainda es-

tá longe. Mas, assim também não, sr. técnico do motor em quatro rodas.

Nós, os da província, que somos obrigados a utilizar o motor em duas rodas, mais como assessorio de trabalho, do que de passeio, não somos os culpados da série ininterrupta de desastres. Os srs. é que o são, na contingência de nos considerarem um brinquedo.

E havemos de voltar ao assunto. Ele merece o, dada a carência de quem defenda o constante desequilíbrio que se pretende entre as duas e as quatro rodas. Rodaremos, em menor velocidade, é certo, mas com o desígnio de nos mantermos dignos como qualquer volante, embora sejamos humildes manípulos...

O barrete (melhor: a carapuça) é que não enfiámos!

MILITÃO PORTO

ANIVERSÁRIO



No próximo dia 7, passa o aniversário natalício do nosso jovem assinante sr. Manuel Alberto Vieira da Rocha, natufal da freguesia de Caires.

Seus familiares e amigos felicitam-no e desejam-lhe que esta data se repita por anos sem fim na sua companhia.

Tribuna Livre cumprimenta e felicita seu jovem e estimado assinante.

Parabéns

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

pele de cabrito, túnicas de couro, pintadas de variadas cores, calçando sandálias feitas de couro de cabrito. Dos cabelos pendem-lhe algumas penas, chifres de animais selvagens e outros apetrechos servem de adornos. Usam braceletes manufacturados com ossos e vivem em tendas decoradas com desenhos de cores vivas, passando o tempo nos trabalhos da caça — pois têm de comer — e na ociosidade. Nada produzindo refestelam-se no belprazer de se entreterem poligamia absoluta. Excelentes cavaleiros, dividem-se em pequenas tribos que obedecem a chefes hereditários, tumultuando por vezes, por via dos nomes a adoptar como autênticos reis, daí derivando os Lobo da Montanha, Grande Tigre, Soberbo Leão, Pai Valente, etc. etc..

Algumas das tribos têm curiosos nomes: Apaches; Navajos; Ottawas; Seminolas; Dacotas; Mayos; Koloches e outros, havendo tribos, que pintalgam o rosto de polícromas cores.

Estou convencido que os «hippies» do nosso tempo são oriundos dos «peles vermelhas», dada a essência da sua organização universal, pelo que antevejo a possibilidade de criar, em cada nação, uma reserva deste tipo. E em Portugal, então contribuiria para maior promoção do nosso turismo!...

Que lhe parece, leitor?

EME ABRIL

O grande fascínio...

«Continuado da 1.ª página»

que ele venha a reconhecer os bens que a dama possuía...

Subordinar procedimentos à linguagem fria da pecúnia pode ser um dos artifícios que São Tomás de Aquino atribuíra ao Anjo das Trevas. Satanás, segundo parece, também tem evoluído nos seus métodos... Talvez seja, hoje, o primeiro do Tecno-cratas.

Seja como for, os seus fins são os mesmos de sempre! El a «compra das almas» conduz, agora como no começo dos tempos aos lamentos sem remédio e às desgraças irreversíveis.

Foi Tomás Manr quem viu, no homem do nosso Tempo, uma tendência para reeditar a sombria aventura do Doutor Fausto. Mas Fausto — como todos sabem — foi salvo (quando ia para as profundas dos infernos) pelo sacrifício de Margarida, espírito de puro amor. O que não é, segundo se observa, o caso da Senhora sul-africana.

O que, em última, significa que os novos «Faustos» podem não ter quem os salve, na hora do tardio arrependimento.

A. M.

Leia,

Propague e assine

Tribuna Livre

Divagações...

Sorte minha, inimiga do meu ser.
Porque me fages? Porque me condenas?
Não sejas tão cruel. Deixa viver,
O desgraçado; — teu irmão nas penas.

É a dor a minha sina, o meu fadário?
A minha companheira a sepultura?
Não me deixes descer ao mortuário
Leito da Terra. Quero ter ventura.

Quero a ventura sim, a felicidade,
Desta curta existência terrenal;
Quero gosar o ardor da vlocidade
E banir da minh'alma todo o mal,

Que possa condenar-me ao duro Inferno,
Onde há «trêmores e ranger de dentes»,
Ao holocausto e ao martírio eterno,
Que Deus fadou aos meus irmãos descrentes;

Quero sentir um peito palpitante
Arfar bem junto ao meu, com tal ardor,
Que me dê a carícia inebriante,
Do seu tão terno, conjugal Amor!...

Rodrigues Carrazedo